

AÇÕES DO ENFERMEIRO NO ACOLHIMENTO AS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

ACTIONS OF THE NURSE IN WELCOMING VICTIMS OF VIOLENCE AGAINST WOMEN

ACCIONES DE LA ENFERMERA AL ACOGER A LAS VÍCTIMAS DE VIOLENCIA CONTRA LA MUJER

Marília da Silva Carvalho¹
Vanessa de Lima Patueli Biro²
Wanderson Alves Ribeiro³
Enimar de Paula⁴

RESUMO: A violência contra a mulher constitui um grave problema de saúde pública que demanda ações interdisciplinares e humanizadas no âmbito do cuidado em enfermagem. Este estudo teve como objetivo geral analisar as práticas, desafios e estratégias de articulação adotadas pelo enfermeiro no acolhimento e cuidado integral às vítimas de violência. A metodologia consistiu em uma revisão narrativa da literatura, fundamentada em produções científicas recentes publicadas entre 2021 e 2025, selecionadas em bases de dados da área da saúde, priorizando estudos que abordassem a atuação do enfermeiro, o atendimento humanizado e a articulação intersetorial. Os resultados evidenciaram que o acolhimento realizado pelo enfermeiro baseia-se na escuta qualificada, na empatia e no respeito à autonomia da mulher, sendo essencial para a criação de vínculo e para o direcionamento adequado aos serviços de apoio, entretanto, foram identificados desafios significativos, como a escassez de recursos humanos e estruturais, a ausência de capacitação contínua e a fragilidade das redes de proteção, a educação permanente e a integração entre os setores de saúde, assistência social, segurança pública e justiça, conforme preconiza a Rede de Atenção às Pessoas em Situação de Violência do Ministério da Saúde, mostraram-se fundamentais para garantir a resolutividade e a continuidade do cuidado. Conclui-se que a atuação do enfermeiro é essencial na promoção de um atendimento ético, humanizado e intersetorial, contribuindo para a reconstrução da dignidade e para a efetivação dos direitos das mulheres vítimas de violência.

541

Descritores: Enfermagem. Acolhimento. Violência contra a mulher. Humanização. Rede

¹Acadêmico do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Iguaçu (UNIG).

²Acadêmico do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Iguaçu (UNIG).

³Enfermeiro. Mestre, Doutor e Pós-Doutor em Ciências do Cuidado em Saúde pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense (EEAAC/UFF). Docente do curso de Graduação em Enfermagem. Professor dos cursos de Pós-Graduação Lato Sensu em Enfermagem em Neonatologia e Pediatria; Enfermagem em Obstetrícia; Enfermagem em Emergência e Terapia Intensiva; Fisioterapia em Terapia Intensiva; e Fisioterapia em Neonatologia e Pediatria. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto.

⁴Enfermeiro. Mestre em Saúde Materno-Infantil pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em Enfermagem Obstétrica pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduado em Enfermagem pela Universidade Castelo Branco (UCB). Docente do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Iguaçu (UNIG), atuando nas disciplinas de Saúde da Mulher I, Saúde da Mulher II e Gênero e Diversidade em Saúde. Membro do Grupo de Pesquisa “Maternidade, Saúde da Mulher e da Criança”, vinculado à Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (EEAAC/UFF). Integrante da Associação Brasileira de Obstetras e Enfermeiros Obstetras do Estado do Rio de Janeiro (ABENFO-RJ).

intersectorial.

ABSTRACT: Violence against women constitutes a serious public health problem that demands interdisciplinary and humanized actions within the scope of nursing care. This study aimed to analyze the practices, challenges, and articulation strategies adopted by nurses in the reception and comprehensive care of victims of violence. The methodology consisted of a narrative literature review, based on recent scientific publications from 2021 to 2025, selected from health databases, prioritizing studies that addressed the role of nurses, humanized care, and intersectoral articulation. The results showed that the care provided by nurses is based on active listening, empathy, and respect for the woman's autonomy, which is essential for building rapport and appropriately directing her to support services. However, significant challenges were identified, such as the scarcity of human and structural resources, the lack of continuous training, and the fragility of protection networks. Ongoing education and integration between the health, social assistance, public safety, and justice sectors, as advocated by the Ministry of Health's Network for Attention to People in Situations of Violence, proved fundamental to ensuring the effectiveness and continuity of care. It is concluded that the nurse's role is essential in promoting ethical, humanized, and intersectoral care, contributing to the reconstruction of dignity and the realization of the rights of women victims of violence.

Keywords: Nursing. Reception. Violence against women. Humanization. Intersectoral network.

RESUMEN: Violencia contra las mujeres constituye un problema de salud pública serio que demanda acciones interdisciplinarias y humanizadas dentro del ámbito de la enfermería. Este estudio buscó analizar las prácticas, desafíos y estrategias de articulación adoptadas por las enfermeras en la recepción y atención integral de las víctimas de violencia. La metodología consistió en una revisión narrativa de la literatura científica reciente (2021-2025), seleccionada de bases de datos de salud, priorizando estudios que abordaron el rol de las enfermeras, la atención humanizada y la articulación intersectorial. Los resultados mostraron que el cuidado proporcionado por las enfermeras se basa en el escuchado activo, la empatía y el respeto por la autonomía de la mujer, lo cual es esencial para establecer un rapport y dirigirla apropiadamente a los servicios de apoyo. Sin embargo, se identificaron desafíos significativos, tales como la escasez de recursos humanos y estructurales, la falta de formación continua y la fragilidad de las redes de protección. La educación y la integración持续 entre los sectores de salud, asistencia social, seguridad pública y justicia, como se promueve por la red del Ministerio de Salud para la atención a las personas en situaciones de violencia, resultó fundamental para garantizar la efectividad y continuidad del cuidado. Se concluye que el rol de la enfermera es esencial en la promoción de cuidados éticos, humanizados y intersectoriales, contribuyendo a la reconstrucción de la dignidad y la realización de los derechos de las mujeres víctimas de violencia.

542

Palabras clave: Enfermería. Acogida. Violencia contra la mujer. Humanización. Red intersectorial.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é uma das mais graves expressões de desigualdade de gênero, que manifesta-se por agressões físicas, psicológicas, sexuais, patrimoniais e morais. Trata-se de um fenômeno que não se restringe ao espaço privado e afeta diretamente a saúde pública, além de comprometer a cidadania feminina, dessa forma, esse quadro revela a

necessidade de respostas estruturadas que envolvam a atuação profissional em diversas áreas do cuidado (Medeiros *et al.*, 2024).

Em sociedades marcadas por padrões culturais de dominação masculina, o silêncio das vítimas é frequentemente perpetuado pelo medo, pela dependência financeira ou pela ausência de redes de apoio. Esse ciclo de violência impacta a autoestima, a saúde física e a estabilidade emocional da mulher. Enfrentar tais fatores exige não apenas medidas repressivas, mas também estratégias de acolhimento e cuidado integral (Barbosa *et al.*, 2022).

Nos serviços de saúde, o primeiro contato pode ser determinante para romper barreiras de silêncio e promover a busca por ajuda, nesse contexto, o acolhimento torna-se um recurso essencial, capaz de proporcionar escuta qualificada, apoio emocional e encaminhamentos seguros. No exercício da enfermagem, essa prática é de caráter central, pois o vínculo estabelecido entre profissional e usuária cria condições favoráveis para a construção de confiança (Francisco *et al.*, 2024).

As redes intersetoriais constituem-se como aliadas fundamentais nesse processo. O enfrentamento da violência ultrapassa os limites da assistência em saúde, e a integração com serviços jurídicos, sociais e de proteção amplia as possibilidades de resposta, garantindo maior proteção às mulheres em situação de vulnerabilidade (Franco; Lourenço, 2022).

Dados estatísticos reforçam a gravidade do problema no Brasil, em 2023, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos registrou mais de 1.300 casos de feminicídio. O Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) contabilizou aproximadamente 280 mil notificações de violência contra a mulher no mesmo ano, abrangendo violência física, sexual e psicológica (BRASIL, 2025).

Compreender a relevância das ações do enfermeiro no acolhimento de vítimas de violência contra a mulher implica reconhecer a complexidade do fenômeno e suas repercussões na vida individual e coletiva. A sistematização de práticas profissionais voltadas à escuta, ao cuidado humanizado e ao encaminhamento adequado torna-se um eixo estruturante na promoção da dignidade e no fortalecimento das políticas públicas de enfrentamento (Melo *et al.*, 2022).

A violência contra a mulher permanece como um desafio recorrente nos serviços de saúde, esse cenário revela fragilidades tanto na identificação precoce quanto no manejo adequado das situações apresentadas. Mesmo diante da ampliação das políticas públicas de

enfrentamento, ainda existem obstáculos para que as vítimas recebam acolhimento qualificado e integral, capaz de atender suas necessidades imediatas e de longo prazo (Francisco *et al.*, 2024).

Em 2023, o Brasil registrou 1.463 casos de feminicídio, representando uma taxa de 1,4 mortes por 100 mil mulheres, o maior número desde a tipificação desse crime em 2015, além disso, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) contabilizou aproximadamente 220 mil notificações de violência contra a mulher, com 71,6% desses casos ocorrendo no ambiente doméstico. Esses dados evidenciam a persistência e a gravidade da violência de gênero no país, reforçando a necessidade urgente de políticas públicas eficazes e ações intersetoriais para enfrentar essa problemática (BRASIL, 2025).

Profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros, frequentemente se deparam com barreiras estruturais que dificultam a execução de ações resolutivas. A ausência de protocolos claros, a insuficiência de capacitação contínua e a sobrecarga de trabalho nos serviços geram limitações no cuidado oferecido, como consequência, mulheres em situação de violência podem não encontrar suporte efetivo, perpetuando o ciclo de vulnerabilidade e desamparo (Melo *et al.*, 2022).

544

O acolhimento, enquanto estratégia de humanização, carece de práticas uniformes e de metodologias consolidadas no cotidiano da assistência, em muitos casos, a abordagem inicial restringe-se ao tratamento de lesões físicas, deixando em segundo plano aspectos emocionais e sociais fundamentais para a superação da violência. Essa lacuna evidencia a necessidade de ampliar a compreensão sobre o papel do enfermeiro na integralidade do atendimento (Medeiros *et al.*, 2024).

Outro fator preocupante relaciona-se à dificuldade em articular os serviços de saúde com a rede intersetorial de apoio às vítimas. A falta de comunicação efetiva entre saúde, segurança pública e assistência social fragiliza os encaminhamentos, comprometendo a continuidade do cuidado, sem essa integração, a atuação profissional torna-se fragmentada e insuficiente para responder à complexidade do problema (Barbosa *et al.*, 2022).

A realidade também demonstra que muitas mulheres, ao procurarem atendimento, encontram resistência em relatar situações de violência por medo, vergonha ou descrença na efetividade das instituições, cabe ao enfermeiro desenvolver sensibilidade e preparo técnico para reconhecer sinais indiretos, valorizando cada manifestação da usuária como potencial

indicador de risco. Essa abordagem exige competências específicas e atualização permanente (Francisco *et al.*, 2024).

Diante desse cenário, evidencia-se a insuficiência de ações sistematizadas de enfermagem voltadas ao acolhimento de mulheres vítimas de violência, o desafio reside em compreender de que forma a prática profissional pode ser fortalecida, garantindo um atendimento integral que respeite a dignidade, promova segurança e contribua para o rompimento do ciclo de violência (Franco; Lourenço, 2022).

Investigar as ações do enfermeiro no acolhimento de mulheres em situação de violência torna-se essencial diante da relevância social, ética e sanitária do tema, a enfermagem, por estar diretamente ligada à escuta e ao cuidado, encontra-se em posição estratégica para identificar situações de risco, oferecer suporte imediato e encaminhar adequadamente as vítimas, a análise desse processo permite compreender lacunas existentes na prática assistencial e contribuir para o aprimoramento do cuidado integral.

O fortalecimento do acolhimento depende de profissionais preparados para atuar em um cenário permeado por vulnerabilidades e complexidade, justifica-se, portanto, a necessidade de ampliar o conhecimento sobre as práticas da enfermagem, de modo a subsidiar intervenções baseadas em técnicas de humanização, protocolos assistenciais e articulação com a rede de proteção, essa perspectiva favorece tanto a segurança da vítima quanto a qualificação dos serviços de saúde.

Produzir reflexões e propostas voltadas a esse campo permite não apenas a valorização do trabalho do enfermeiro, mas também o avanço das políticas públicas de enfrentamento da violência contra a mulher, a relevância acadêmica do estudo reside em gerar subsídios para práticas mais eficazes e sistematizadas, enquanto sua pertinência social manifesta-se na possibilidade de transformar o acolhimento em uma ferramenta de proteção, dignidade e promoção da vida.

O estudo contribui ao ampliar a compreensão sobre o papel do enfermeiro no acolhimento às mulheres em situação de violência, ressaltando a importância de práticas que assegurem a integralidade e a humanização do cuidado, a análise das estratégias utilizadas pelos profissionais possibilita identificar abordagens eficazes, como a escuta qualificada, o acolhimento empático e a criação de um ambiente de segurança física e emocional, elementos fundamentais para o enfrentamento do trauma e para a garantia de direitos.

Dessa forma, o trabalho reforça a relevância do enfermeiro como agente facilitador na construção de vínculos de confiança e na promoção de um atendimento mais sensível às necessidades das vítimas, a pesquisa também oferece subsídios para fortalecer a articulação entre os serviços de saúde e a rede intersetorial de proteção, destacando a contribuição da enfermagem no encaminhamento adequado, na continuidade do cuidado e na efetividade das ações integradas.

Ao evidenciar a atuação do enfermeiro na interface com diferentes setores, como assistência social, segurança pública e sistema judiciário, o estudo contribui para o aperfeiçoamento das políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher, além de incentivar práticas profissionais que consolidem o trabalho em rede e assegurem maior resolutividade no atendimento às vítimas.

Assim, surgiram como questões norteadoras deste estudo: “Quais ações o enfermeiro pode desenvolver no acolhimento de mulheres em situação de violência, de modo a garantir cuidado integral e humanizado?” e “De que maneira a prática da enfermagem pode contribuir para a efetiva articulação entre os serviços de saúde e a rede intersetorial de proteção às vítimas?”

Este estudo tem como objetivo geral analisar as ações do enfermeiro no acolhimento de mulheres em situação de violência, considerando práticas de cuidado integral, humanização e articulação com a rede de proteção, especificamente busca-se: Identificar as principais estratégias utilizadas pelo enfermeiro no acolhimento às vítimas de violência, destacando práticas que favoreçam a escuta qualificada e a segurança da mulher e descrever a contribuição do enfermeiro na integração dos serviços de saúde com a rede intersetorial, visando a continuidade e a efetividade do atendimento às vítimas.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracterizou-se como uma revisão bibliográfica, cujo objetivo foi reunir, analisar e sintetizar informações disponíveis na literatura para promover uma compreensão ampliada sobre a temática investigada, essa abordagem permitiu incorporar análises qualitativas e quantitativas presentes nos estudos selecionados, proporcionando uma visão crítica e abrangente do fenômeno.

As fontes de pesquisa foram compostas por bases científicas amplamente

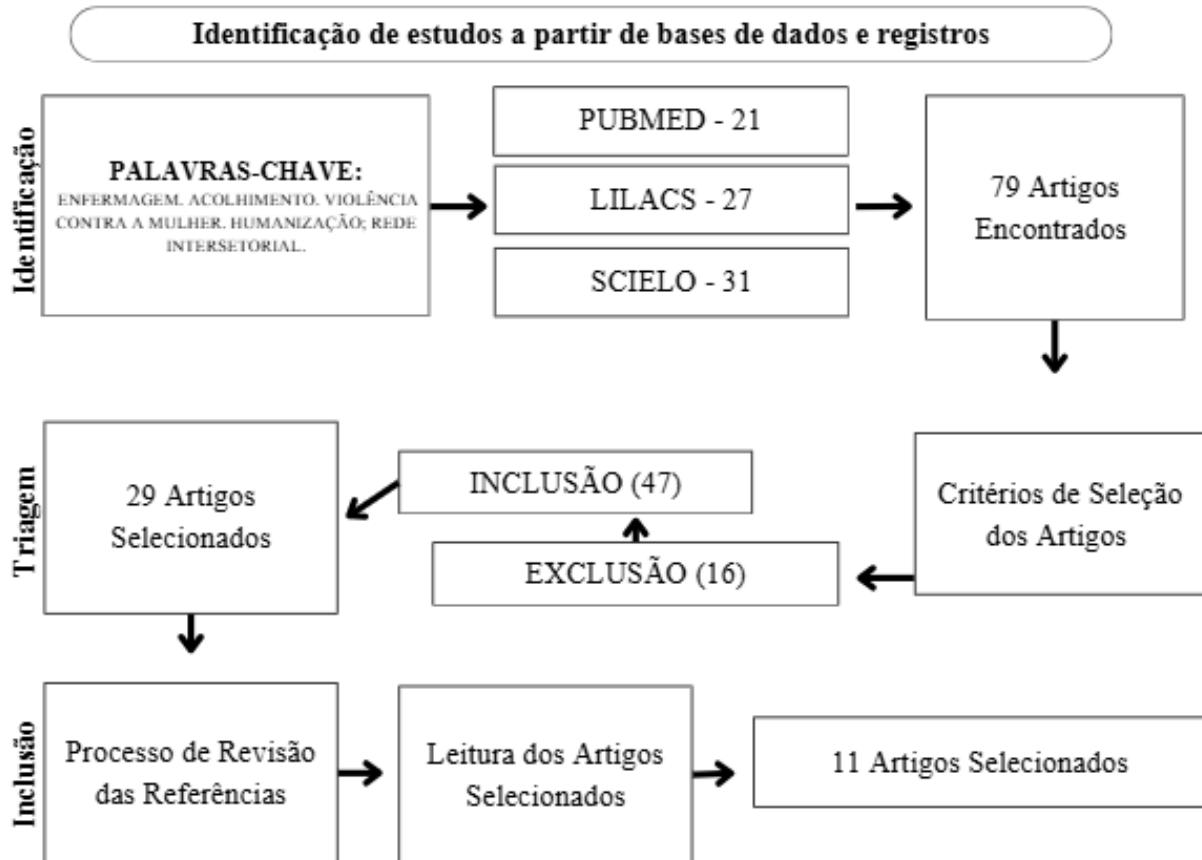
reconhecidas, incluindo a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e PubMed. Os termos utilizados foram selecionados a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), combinando-se expressões como “enfermagem”, “acolhimento”, “violência contra a mulher” e “atenção à saúde” com operadores booleanos para ampliar a precisão das buscas.

Como critérios de inclusão e exclusão, foram incluídos artigos publicados nos últimos cinco anos, em português, e em inglês e espanhol quando acompanhados de versão traduzida para o português, excluíram-se duplicatas, resumos publicados sem texto completo, estudos indisponíveis integralmente, trabalhos que não abordassem especificamente o enfermeiro no acolhimento de mulheres em situação de violência e aqueles que não atendiam ao recorte temporal definido.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a realização das buscas nas bases de dados, 79 artigos foram encontrados, identificados e selecionados para análise, foram removidas 6 duplicatas, totalizando 73 estudos, aplicados os demais critérios de inclusão e exclusão restaram 29 estudos dos quais foram para a fase de leitura na íntegra, ao final, 11 estudos foram incluídos nesta revisão, conforme fluxograma (figura 1)

Figura 1 – Fluxograma Prisma das referências selecionadas



Fonte: Elaborado pelas Autoras (2025)

548

Após a aplicação dos critérios de inclusão, foram selecionados 11 artigos dentre um total inicial de 79 estudos identificados. Desses, 2 foram extraídos da BVS, 7 da SciELO, 1 da LILACS e 1 do PubMed. Os artigos analisados apresentaram diferentes delineamentos metodológicos, incluindo revisões integrativas, estudos de campo e relatos de experiência, o que possibilitou uma compreensão ampla e diversificada sobre as ações do enfermeiro no acolhimento às vítimas de violência contra a mulher, considerando múltiplos contextos de atuação e abordagens assistenciais.

Para sintetizar as evidências sobre a atuação do enfermeiro no acolhimento e cuidado integral às mulheres vítimas de violência, apresenta-se a Tabela 1, que reúne os estudos selecionados e os categoriza conforme autor e ano, metodologia, objetivo do estudo e principais resultados. Essa organização possibilita uma análise comparativa das práticas e estratégias descritas, destacando abordagens assistenciais, desafios enfrentados e resultados obtidos na efetivação de um atendimento humanizado e resolutivo, a apresentação

estruturada dos dados facilita a interpretação dos achados e evidencia padrões de atuação e de articulação intersetorial que fortalecem o cuidado integral e a proteção das mulheres em situação de violência.

Tabela 1 – Estudos selecionados

Autor e Ano	Metodologia	Objetivo do Estudo	Principais Resultados
Barbosa <i>et al.</i> , 2022	Estudo descritivo, de abordagem qualitativa, com análise de relatos de profissionais da Atenção Primária à Saúde.	Analizar a atuação da equipe de enfermagem frente à violência contra a mulher no contexto da Atenção Primária.	Evidenciou-se que o acolhimento, a escuta ativa e a criação de vínculo são práticas centrais, embora dificultadas pela ausência de capacitação e pela fragilidade dos fluxos intersetoriais de encaminhamento.
Beginini <i>et al.</i> , 2022	Revisão integrativa de literatura em bases nacionais e internacionais.	Identificar a atuação do enfermeiro diante da violência contra a mulher na Atenção Primária em Saúde.	O enfermeiro é essencial no reconhecimento precoce dos casos e no encaminhamento seguro às redes de apoio, porém enfrenta limitações estruturais e falta de preparo específico.
Francisco <i>et al.</i> , 2024	Estudo qualitativo, com entrevistas e análise de conteúdo.	Descrever as práticas de reconhecimento, acolhimento e manejo das mulheres vítimas de violência na Atenção Primária.	A empatia e a escuta ativa são determinantes para a criação de vínculo; a ausência de protocolos e de apoio institucional fragiliza a resolutividade do atendimento.
Franco; Lourenço, 2022	Pesquisa de campo, qualitativa, com observação e entrevistas em serviços de emergência.	Investigar a assistência de enfermagem a mulheres em situação de violência em contextos de urgência e emergência.	O acolhimento humanizado é prejudicado pela sobrecarga de trabalho e pela falta de preparo das equipes, ressaltando a necessidade de capacitação contínua.
Maia <i>et al.</i> , 2025	Revisão de literatura integrativa.	Revisar a produção científica sobre a atuação da enfermagem no acolhimento de mulheres vítimas de violência em serviços de emergência.	O estudo apontou a relevância da escuta qualificada e da humanização do cuidado, destacando a necessidade de fluxos institucionais claros e apoio emocional aos profissionais.
Medeiros <i>et al.</i> , 2024	Estudo descritivo, com abordagem qualitativa.	Discutir o papel da enfermagem forense no reconhecimento e enfrentamento da violência contra a mulher.	A formação em enfermagem forense amplia a capacidade de identificação e registro dos casos, reforçando a importância da educação permanente e da articulação intersetorial.
Melo <i>et al.</i> , 2022	Revisão narrativa de literatura.	Refletir sobre a atuação da enfermagem diante das mulheres em situação de violência.	A prática do enfermeiro é fundamental para o acolhimento humanizado, mas é dificultada pela falta de suporte emocional e de formação específica.
Rodrigues <i>et al.</i> , 2021	Estudo descritivo, qualitativo.	Analizar a atuação do enfermeiro frente à mulher vítima de violência sexual.	O atendimento deve ser pautado na confidencialidade, no respeito e na escuta empática, sendo o enfermeiro responsável por identificar sinais não

			verbais e promover encaminhamentos seguros.
Silva; Andrade, 2024	Pesquisa qualitativa, com aplicação de entrevistas semiestruturadas a enfermeiros da atenção básica.	Compreender a percepção dos enfermeiros sobre o acolhimento de mulheres vítimas de violência.	Os profissionais reconhecem a importância do acolhimento, mas sentem-se despreparados para lidar com a complexidade emocional e social dos casos.
Souza <i>et al.</i> , 2024	Revisão de literatura.	Descrever o papel do enfermeiro no combate à violência contra a mulher.	Destaca-se a relevância do enfermeiro como agente de prevenção e orientação, promovendo educação em saúde e articulação com a rede de proteção.
Ba <i>et al.</i> , 2022	Estudo qualitativo e exploratório.	Analizar a atuação do enfermeiro no atendimento a mulheres vítimas de violência em diferentes níveis de atenção.	O estudo evidenciou a importância da formação ética e humanizada, do trabalho interdisciplinar e do fortalecimento da rede intersetorial para a efetividade do cuidado.

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2025)

A leitura e análise do material selecionado permitiram a construção de três categorias temáticas principais: práticas do enfermeiro no acolhimento e cuidado integral às vítimas de violência, desafios enfrentados na efetivação de um atendimento humanizado e resolutivo, e estratégias de articulação entre os serviços de saúde e a rede intersetorial de proteção.

550

Categoria 1: Práticas do enfermeiro no acolhimento e cuidado integral às vítimas de violência

A atuação do enfermeiro no acolhimento e cuidado integral às vítimas de violência contra a mulher fundamenta-se em princípios éticos, humanitários e técnicos que priorizam o respeito à dignidade e à autonomia feminina, assim, o acolhimento ultrapassa a simples recepção física no ambiente de saúde, configurando-se como uma prática que envolve escuta qualificada, empatia e ausência de julgamentos. A compreensão da violência como fenômeno multifatorial exige do profissional sensibilidade para reconhecer sinais físicos, psicológicos e comportamentais que nem sempre são verbalizados, nesse contexto, a intervenção inicial torna-se determinante para a criação de vínculo e para o direcionamento seguro da mulher aos recursos adequados de atendimento (Maia *et al.*, 2025).

O cuidado integral demanda que o enfermeiro reconheça a mulher em sua totalidade biopsicossocial, articulando dimensões clínicas e subjetivas do sofrimento. A anamnese e o exame físico devem ser conduzidos com privacidade e respeito, utilizando linguagem

acessível e tom de voz que transmitam segurança, em muitos atendimentos, a postura acolhedora possibilita que a mulher revele situações de agressão previamente silenciadas, transformando o espaço assistencial em ambiente de confiança. A atenção aos detalhes corporais, à postura, ao olhar e às hesitações durante o diálogo permite compreender nuances do trauma que não emergem em relatos diretos, contribuindo para um diagnóstico situacional mais preciso (Rodrigues *et al.*, 2021).

A integralidade do cuidado também pressupõe a articulação entre diferentes níveis de atenção e setores envolvidos na proteção da mulher, o enfermeiro atua como mediador entre a rede de saúde e os dispositivos sociais, jurídicos e psicológicos, garantindo a continuidade do acompanhamento. A comunicação efetiva com equipes multiprofissionais favorece a construção de planos de cuidado interdisciplinares, evitando a fragmentação do atendimento, situações em que a vítima necessita de abrigo seguro, suporte legal ou acompanhamento psicológico exigem do enfermeiro capacidade de encaminhamento e acompanhamento ético e responsável (Begnini *et al.*, 2022).

O acolhimento em situações de violência requer domínio técnico sobre protocolos de atendimento, mas, sobretudo, preparo emocional e relacional, o contato com vítimas de agressão física, sexual ou psicológica impõe ao profissional lidar com sofrimento intenso e, muitas vezes, com narrativas de vulnerabilidade extrema. A manutenção de uma postura profissional empática, sem envolvimento pessoal que comprometa a objetividade, é essencial para assegurar o equilíbrio entre acolhimento afetivo e conduta técnica, o registro minucioso das informações e a confidencialidade dos dados constituem práticas indispensáveis para a preservação da integridade da mulher e a segurança jurídica do atendimento (Francisco *et al.*, 2024).

O enfermeiro, ao atuar no acolhimento, desempenha função educativa voltada à promoção da autonomia e do autocuidado, a orientação sobre direitos, serviços disponíveis e estratégias de proteção contribui para o fortalecimento da mulher diante do ciclo da violência. Durante o processo assistencial, o estímulo à reflexão crítica sobre sua condição e a valorização de suas decisões favorecem a reconstrução da autoestima e da autoconfiança, o cuidado educativo não se restringe à informação técnica, mas compreende o diálogo como instrumento terapêutico que possibilita a ressignificação da experiência de dor e medo (Medeiros *et al.*, 2024).

A prática profissional, portanto, consolida-se como expressão de compromisso social e ético, o acolhimento qualificado do enfermeiro promove o reconhecimento da mulher como sujeito de direitos e não apenas como receptora de cuidados, a articulação entre sensibilidade, conhecimento técnico e postura humanizada transforma o atendimento em um processo de reconstrução simbólica e prática da segurança e da dignidade, a valorização da escuta, o respeito à singularidade e a integração com a rede de apoio configuram o alicerce de um cuidado verdadeiramente integral, que não apenas trata feridas visíveis, mas também contribui para a reconstrução emocional e social da mulher violentada (Franco; Lourenço, 2022).

As práticas do enfermeiro no acolhimento e cuidado integral às vítimas de violência contra a mulher respondem à primeira questão norteadora ao evidenciar a importância da escuta qualificada, da empatia e do respeito à autonomia feminina como fundamentos ético-humanitários do cuidado essas ações transcendem o atendimento clínico e se configuram como instrumentos de promoção da dignidade e da reconstrução emocional da mulher em situação de vulnerabilidade, a atuação do enfermeiro, ao integrar dimensões técnicas, relacionais e educativas, demonstra como o cuidado integral se efetiva na articulação entre a atenção à saúde e o suporte social, jurídico e psicológico (Francisco *et al.*, 2024).

552

Essas práticas encontram respaldo e direcionamento nas políticas públicas, especialmente na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), que preconiza a integralidade e a humanização do atendimento, e na Rede de Enfrentamento à Violência contra a Mulher, que orienta a atuação intersetorial e a continuidade do cuidado, assim, o enfermeiro tem papel estratégico na efetivação dessas políticas, fortalecendo o vínculo entre o sistema de saúde e os demais dispositivos de proteção, e contribuindo para o enfrentamento da violência de forma ética, acolhedora e socialmente comprometida (Medeiros *et al.*, 2024).

Categoria 2: Desafios enfrentados na efetivação de um atendimento humanizado e resolutivo

A efetivação de um atendimento humanizado e resolutivo às vítimas de violência contra a mulher impõe ao enfermeiro desafios que envolvem dimensões estruturais, institucionais e subjetivas, a escassez de recursos humanos, a sobrecarga de trabalho e a

insuficiência de espaços adequados comprometem a qualidade do acolhimento. Ambientes hospitalares ruidosos, ausência de privacidade e falta de protocolos específicos dificultam a criação de um vínculo seguro entre profissional e vítima, nessas circunstâncias, o enfermeiro precisa equilibrar a exigência técnica com a manutenção da escuta sensível, evitando que a mulher seja reduzida a um caso clínico desprovido de subjetividade (Barbosa *et al.*, 2022).

A complexidade emocional envolvida no atendimento constitui um obstáculo adicional, o contato direto com narrativas de sofrimento intenso e repetidas situações de abuso pode gerar desgaste psicológico e, em alguns casos, sentimentos de impotência. O enfermeiro enfrenta o dilema entre preservar seu equilíbrio emocional e oferecer apoio empático, o que exige maturidade profissional e suporte institucional, ausência de programas de capacitação continuada e de acompanhamento psicológico das equipes agrava esse cenário, favorecendo o surgimento de práticas mecanizadas e distanciadas do ideal de humanização (Melo *et al.*, 2022).

Outro desafio relevante reside na fragilidade das políticas públicas e na desarticulação da rede intersetorial de proteção, em muitos contextos, o encaminhamento da vítima encontra barreiras burocráticas, ausência de fluxos definidos e deficiências na comunicação entre os serviços de saúde, assistência social e segurança pública, essa falta de integração gera descontinuidade no cuidado, expondo a mulher a novos riscos. O enfermeiro, frequentemente, assume o papel de mediador improvisado entre instâncias que não dialogam, o que compromete a resolutividade do atendimento e impõe sobrecarga emocional e administrativa (Francisco *et al.*, 2024).

553

A cultura institucional ainda permeada por valores patriarcais e pela naturalização da violência representa um entrave à humanização do cuidado, atitudes discriminatórias, descrédito das denúncias e julgamentos morais reproduzem a violência simbólica no próprio espaço assistencial, o enfermeiro, diante desse cenário, precisa adotar uma postura crítica e transformadora, promovendo práticas de acolhimento pautadas na equidade e na ética, a desconstrução dessas barreiras demanda não apenas formação técnica, mas também compromisso político com a promoção dos direitos humanos e da justiça social (Medeiros *et al.*, 2024).

A carência de formação específica sobre violência de gênero na educação em enfermagem limita a capacidade de atuação profissional diante da complexidade do

fenômeno, o conhecimento fragmentado e a ausência de abordagem interdisciplinar reduzem a compreensão da violência a um problema de saúde individual, desconsiderando seus determinantes sociais e estruturais. A consolidação de uma prática humanizada requer investimento em educação permanente, atualização científica e espaços reflexivos que permitam a troca de experiências e o fortalecimento das competências éticas e comunicacionais do enfermeiro (Francisco *et al.*, 2024).

A efetividade do atendimento, portanto, depende de um conjunto de condições que ultrapassam a esfera individual e alcançam a organização institucional e as políticas públicas, a superação dos desafios descritos exige planejamento estratégico, recursos adequados e valorização profissional. Somente por meio de um ambiente de trabalho que reconheça a complexidade do acolhimento e ofereça suporte técnico e emocional às equipes será possível garantir um cuidado verdadeiramente humanizado e resolutivo, capaz de transformar o espaço de saúde em um território de acolhimento, proteção e reconstrução da dignidade feminina (Maia *et al.*, 2025).

Apesar dos inúmeros obstáculos enfrentados na efetivação de um atendimento humanizado e resolutivo às vítimas de violência contra a mulher, o reconhecimento desses desafios representa um passo essencial para o aprimoramento do acolhimento e a transformação das práticas assistenciais. A identificação das limitações estruturais, emocionais e institucionais permite que gestores e profissionais repensem estratégias, priorizando condições de trabalho adequadas, fortalecimento da rede intersetorial e consolidação de uma cultura organizacional pautada na equidade e no respeito, nesse processo, a implementação de políticas de educação permanente mostra-se indispensável para o desenvolvimento de competências técnicas, éticas e comunicacionais, capazes de sustentar intervenções mais sensíveis e eficazes. Essa perspectiva estabelece um elo direto com a terceira categoria, que aborda a articulação e capacitação das equipes de enfermagem, reforçando que a formação continuada constitui o alicerce para a consolidação de um cuidado humanizado, resolutivo e transformador (Maia *et al.*, 2025).

Capítulo 3: Estratégias de articulação entre os serviços de saúde e a rede intersetorial de proteção

A articulação entre os serviços de saúde e a rede intersetorial de proteção constitui elemento essencial para garantir um atendimento contínuo, resolutivo e humanizado às mulheres vítimas de violência, essa integração requer a construção de fluxos comunicativos eficazes entre as diferentes instâncias que compõem a rede, como assistência social, segurança pública, judiciário e organizações da sociedade civil. O enfermeiro, por ocupar posição estratégica no primeiro contato com a vítima, desempenha função mediadora na mobilização desses recursos, assegurando que a mulher seja encaminhada de forma segura e acolhedora às instâncias adequadas de apoio (Melo *et al.*, 2022).

A implementação de protocolos integrados e linhas de cuidado específicas fortalece o trabalho em rede, possibilitando a padronização das condutas e a redução de falhas no processo de encaminhamento, o enfermeiro deve conhecer os serviços disponíveis em sua localidade, bem como os fluxos de referência e contrarreferência, para garantir que a mulher não seja revitimizada por repetidas narrativas ou deslocamentos desnecessários. A formalização de parcerias entre instituições públicas e privadas também contribui para a ampliação da rede de suporte, otimizando recursos e fortalecendo a resposta intersetorial à violência (Francisco *et al.*, 2024).

555

A comunicação interprofissional constitui um eixo central dessa articulação, o compartilhamento de informações relevantes, de maneira ética e sigilosa, permite a continuidade do cuidado e evita lacunas assistenciais, o enfermeiro atua como elo entre equipes multiprofissionais, promovendo reuniões de caso, construindo planos terapêuticos compartilhados e estimulando o diálogo entre setores, essa prática contribui para a consolidação de uma assistência integral, na qual cada instituição comprehende seu papel e responsabilidade no enfrentamento da violência (Barbosa *et al.*, 2022).

A educação permanente emerge como ferramenta indispensável para a consolidação dessa rede articulada, capacitações intersetoriais, oficinas e treinamentos conjuntos possibilitam o alinhamento de condutas e o fortalecimento de vínculos institucionais, o enfermeiro pode participar ativamente desses espaços, compartilhando experiências e contribuindo para a formação de profissionais sensíveis às especificidades da violência de gênero, essa construção coletiva do saber promove uma atuação mais coerente, coesa e

centrada nas necessidades das vítimas (Franco; Lourenço, 2022).

A tecnologia da informação também representa um recurso importante para a integração entre os serviços, sistemas eletrônicos de notificação, registros padronizados e bancos de dados compartilhados facilitam o monitoramento dos casos e o acompanhamento longitudinal das vítimas, o enfermeiro, ao alimentar corretamente essas plataformas, contribui para a produção de indicadores que subsidiam políticas públicas e aprimoraram o planejamento das ações de enfrentamento, assim, a gestão da informação torna-se instrumento de prevenção e de aprimoramento da resposta institucional (Medeiros *et al.*, 2024).

A articulação efetiva entre os serviços de saúde e a rede de proteção transcende a mera cooperação técnica, configurando-se como expressão de responsabilidade social e compromisso ético. O enfermeiro, ao atuar como protagonista desse processo, consolida um modelo assistencial pautado na integralidade, na comunicação e na corresponsabilidade. Essa interconexão entre setores garante não apenas o atendimento imediato, mas também o acompanhamento contínuo, a reabilitação e o fortalecimento da mulher, assegurando que o acolhimento se estenda para além do ambiente clínico e alcance o campo dos direitos e da cidadania (Barbosa *et al.*, 2022).

A articulação entre os serviços de saúde e a rede intersetorial de proteção configura-se como condição essencial para a efetivação de um cuidado integral e contínuo às mulheres vítimas de violência. A integração entre saúde, assistência social, segurança pública e justiça permite uma resposta coordenada e eficaz, evitando a fragmentação do atendimento e assegurando que a mulher receba suporte em todas as dimensões de suas necessidades, física, emocional, social e jurídica, nessa perspectiva, o enfermeiro atua na consolidação de fluxos comunicativos, na construção de vínculos institucionais e na mediação entre diferentes setores, garantindo a continuidade do cuidado e a proteção integral da vítima (Medeiros *et al.*, 2024).

A consolidação dessa articulação encontra respaldo nas diretrizes da Rede de Atenção às Pessoas em Situação de Violência, instituída pelo Ministério da Saúde, que orienta a integração dos serviços de saúde com outros dispositivos de enfrentamento e proteção. Essa política pública reforça o princípio da intersetorialidade como eixo estruturante do cuidado, promovendo a responsabilização compartilhada e a coordenação entre os níveis de atenção,

assim, o fortalecimento dessa rede representa não apenas uma exigência técnica, mas um compromisso ético e social do enfermeiro com a efetivação dos direitos humanos e com a reconstrução da dignidade das mulheres em situação de violência (Maia *et al.*, 2025).

CONCLUSÃO

O presente estudo permitiu compreender, a partir da literatura analisada, a relevância da atuação do enfermeiro no acolhimento de mulheres em situação de violência, destacando-se a importância da escuta qualificada, do atendimento humanizado, da identificação de sinais e do encaminhamento seguro. Observou-se que o cuidado ofertado pela enfermagem está intimamente relacionado à integralidade, ao respeito à dignidade feminina e ao fortalecimento da autonomia das mulheres atendidas nos serviços de saúde.

Os resultados evidenciaram, também, que o trabalho do enfermeiro é atravessado por desafios estruturais, emocionais e organizacionais, incluindo a necessidade de capacitação contínua, fluxos assistenciais bem definidos e articulação efetiva entre os serviços da rede de atenção. Tais desafios impactam diretamente a qualidade da assistência e revelam a necessidade de investimentos institucionais, políticas públicas consistentes e fortalecimento da rede de enfrentamento à violência. De modo geral, o estudo demonstrou que a prática do enfermeiro possui potencial transformador, especialmente quando integrada a equipes multidisciplinares e a ações intersetoriais. Destaca-se que o enfrentamento da violência contra a mulher exige sensibilidade, preparo técnico, postura ética e políticas que assegurem um cuidado seguro, acolhedor e resolutivo. Assim, conclui-se que o fortalecimento da atuação da enfermagem, aliado a melhorias estruturais, educativas e organizacionais, constitui elemento essencial para qualificar o acolhimento, promover proteção e garantir os direitos das mulheres em situação de violência, reafirmando a responsabilidade social, ética e humanitária da profissão.

557

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. C. R.; SANTOS, P. O.; CARVALHO, C. M. S.; VIANA, M. R. P.; VERAS, J. M. M. F.; BATISTA, P. V. S. Atuação da equipe de enfermagem da atenção primária à saúde frente a violência contra a mulher. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 15, n. 5, p. e10281-e10281, 2022.

BEGNINI, M.; SANTOS, E. L.; VANINI, S. M.; SILVESTRI, A. P. S.; SANTOS, L. L.; PRIGOL, A. C. A atuação do enfermeiro frente à violência contra a mulher na Atenção Primária em Saúde. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 5, p. e19911528054-e19911528054, 2022.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher – RASEAM** 2025. Brasília, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2025/marco/ministerio-das-mulheres-lanca-o-relatorio-anual-socioeconomico-da-mulher-raseam-2025> Acesso em: 17 set. 2025.

FRANCISCO, E. S.; OLIVIERA, J. P. P.; WEIZEMANN, L. P.; KARAS, G. P.; CHEFFER, M. H. Assistência de enfermagem a mulheres vítimas de violência doméstica na atenção primária: reconhecimento, acolhimento e manejo. **Scientific Electronic Archives**, v. 17, n. 3, p. 114, 2024.

FRANCO, J. M.; LOURENÇO, R. G. Assistência de enfermagem prestada às mulheres em situação de violência em serviços de emergência. **Revista Eletrônica De Enfermagem**, v. 24, n. 1, p. e68266-68266, 2022.

MAIA, S. C. B.; RIBEIRO, Y. S.; IWATA, J. K. Revisão de literatura sobre a atuação da enfermagem no acolhimento de mulheres vítimas de violência nos serviços de emergência. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 7, n. 6, p. 223-235, 2025.

558

MEDEIROS, T.; GIULIANI, C.; EUGÊNIO, A.; JITICOVSKI, A.; SANTOS, M.; FERREIRA, M. Enfermagem Forense: Conhecendo a violência contra a mulher e as ações de promoção em saúde. **Revista Sustinere**, v. 12, n. 1, p. 16-23, 2024.

MELO, E.; ALCÂNTARA, P.; OLIVIERA, C.; ALMEIDA, R.; FREITAS, M.; SOARES, L. Mulheres em situação de violência: reflexões sobre a atuação da enfermagem. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 96, n. 40, p. 112, 2022.

RODRIGUES, J. B.; LIMA, L. R.; COSTA, U. S.; SANTOS, J. S.; SILVA, M. R.; BRANDÃO, M. A.; LOPES, G. S. Atuação do enfermeiro frente a mulher vítima de violência sexual. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, p. e5801-e5801, 2021.

SILVA, G. R.; ANDRADE, R. V. Percepção dos enfermeiros (as) dos casos de violência contra mulher durante o acolhimento. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 12, p. 1608-1623, 2024.

SOUZA, M. C.; DIAS, L. B.; CORREIA, L. M. A.; SANTOS, E. S.; MACHADO, Y. E. A.; PEREIRA, M. C. O.; MARQUES, J. A. M. O papel do enfermeiro no combate à violência contra a mulher: uma revisão de literatura. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 4, p. 343-350, 2024.

TRACZ, R.; GONÇALVES, A. F.; MARCOVICZ, G. V. Atuação do (a) enfermeiro (a)



a mulheres vítimas de violências. **Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem**, v. 12, n. 39, p. 3-12, 2022.